

[GR](#)

[TR](#)

[EN](#)

Como seria uma política de criação infantil radical?: O estabelecimento de laços de parentesco apesar da escolarização, rumo ao aprendizado e cuidado integrado na comunidade, para além das divisões do Chipre

Autora líder: Chrystalleni Loizidou

Escrito em comunidade com Hülya Koçak Dede, Sylvia Hadjigeorgiou, Konstantina Kasina, Livia Moura, Christina Tsene, George Biskos, Eleni Loizidou, e a Cooperativa de Pais Eimaste

Traduzido do inglês por Lila Almendra

N.T.: Na tentativa de nos mantermos fiel à poesia e a atualidade conceitual trazidas pela autora, decidimos, por vezes, buscar a tradução corrente em português, como em *fazer parentesco [making kin]*, conceito de Donna Haraway já utilizado por aqui. Em outros momentos criamos nossa própria maneira de expressar a plasticidade do idioma inglês, como em *construir o bem comum*, um paralelo que nos pareceu adequado para expressar a ideia de *commoning* e em *re-selvagizar*, traduzindo a ideia de voltar a ser selvagem [*rewilding*].

****Um feitiço: da prática à teoria****

No começo, há fluxo. Existe o “estar nos ritmos da natureza”, o “estar na conexão social”, com experimentação e criatividade ininterruptas, o sentimento dos elementos e das estações, a observação e a ação, o correr e subir e colher frutas e construir abrigo. O sujar entre os dedos dos pés. Existe a alegria e a gratidão da colheita. Mas então, o trabalho de cuidado que reproduz “estar nos ritmos da natureza” é aprisionado por noções hierárquicas de educação e produtividade. Essas imposições dominam a ação e a vida, nos separando do fluxo e de nossos ritmos. O ser e o fazer são transformados em trabalho e as pessoas em coisas. Desta maneira, o mundo está louco e as revoltas são práticas de redescobrir a conexão e o ritmo.
Trecho de *Eimaste Connective Practices Toolkit for Community Flow Between Families in Transition*; inspirado pela introdução editorial de Massimo de Angelis para *The Commoner*, 2012

Que este texto seja um chamado à vida, um chamado para desprojetar e desinstitucionalizar radicalmente. Um chamado para atender ao conselho do líder indígena brasileiro Ailton Alves Lacerda Krenak de “não tirar as crianças da sala” para que possamos nos manter conectados às suas e nossas necessidades e manter suas habilidades e interesses (sua

bagunça, sua energia e sua abertura para possibilidades) em nossos corações enquanto escolhemos ocupar um presente e construir um futuro junto com elas. Que isto seja um chamado para começar a viver soluções para esta crise sistêmica da infância e, assim, inevitavelmente, parece, permitir-nos nos tornar “matéria acadêmica fora do lugar”. Que permitamos, sem nos desculpar, que lágrimas e risos perturbem conferências, exposições, seminários e encontros de tomada de decisão política. Enfrentemos e desfaçamos o medo da bagunça e da liberdade da infância e a alienação que se instalou através da institucionalização capitalista, patriarcal, profundamente discriminatória e antinatural de que minha amiga e artista Livia Moura chama de “infantofobia”. Desfaçamos, assim, a desconexão de nossa necessidade de cuidar viabilizada pela exclusão de crianças, idosos e deficientes da maioria dos ambientes de suposta produtividade. Que este seja um chamado para nos entregarmos ao trabalho árduo do fluxo cooperativo harmonioso, da experiência de cuidado vivida e corporificada, que coloca a criança (e a criança dentro de nós) no centro e constroi a vida em torno disso. Um chamado para ver o cuidado infantil, e o cuidado em geral, como comunalização, para construir, laboriosa, paciente e indulgentemente, conexões locais e economias de troca circular que possam, eventualmente, nos permitir “não estacionar nossas crianças enquanto vamos trabalhar.”

Este texto foi elaborado no meio do verão mediterrâneo por uma mãe solteira, que não suportou deixar seu filho de cinco anos em um jardim de infância com ar-condicionado no mês de julho, e que gostaria de acreditar que, se tivesse conseguido organizar condições de cuidado infantil mais humanas (ou tivesse sido bem-sucedida na criação daquela escola florestal ou daquela escola Waldorf, ou uma cooperativa de pais razoavelmente), poderia então ter organizado um processo de escrita mais participativo com os outros de antemão. Este ensaio, escrito por um indivíduo, apresenta um mosaico composto pelas conversas e visões de um grupo de pessoas que tem se coordenado para reunir recursos e criar seus filhos juntos inspirados por um espírito de liberdade e criatividade. Só conseguimos transformar essa visão em uma realidade habitada, como uma série de exceções, por dois ou três dias de cada vez, ao final dos quais eventualmente retornamos à nossa dependência habitual de arranjos e serviços menos conectados, incluindo o sistema escolar. Aqui, selecionamos pontos de aprendizado chave de nossos períodos de prática de cuidado infantil em comum, elementos dos nossos dias juntos em fluxo e investimos neles, articulando ideias sobre como estendê-los e normalizá-los.

Desejamos entender e transformar as condições que aprisionam nossas famílias nas cidades, em arranjos de cuidado infantil e aprendizagem cada vez mais caros e difíceis de manter, que nos privam de um contexto social robusto e estimulante, que nos mantêm no ônibus ou no carro por muito tempo todos os dias, ou muito tempo na frente de telas, ou comendo *fast-food* com muita frequência, ou nos desesperando quando enfrentamos doenças, lesões ou depressões, ou a percepção de que não há ninguém por perto para nos ajudar a estabelecer limites importantes com nossos filhos ou outros. Nosso objetivo é compartilhar o que aprendemos até agora: coisas que consideramos práticas úteis e esperançosas a fim de escapar dessa confusão. Uma forma de sair dessa matriz global, isolante e infantofóbica que alimenta o que pode ser chamado de complexo industrial *edu-guerra-saúde* [*edu-war-health*], agora alinhado animadamente a uma indústria de tecnologia e mídia exploradora. Uma situação que transformou globalmente a parentalidade e o cuidado infantil — ou os laços de cuidado — em um grande problema.

É um fato, embora possa soar como um slogan em busca de financiamento do terceiro setor, que este grupo se reuniu a partir de diferentes cantos de uma ilha dividida militarmente, uma ilha que enfrenta camadas e mais camadas de separação e alienação. Uma condição agravada, senão construída, por entidades governamentais que pretendem nos manter culturalmente separados, indo até a exclusão da língua do outro nas escolas de cada um dos lados. Nosso encontro não foi uma iniciativa da sociedade civil. Pelo contrário, nossas amizades se baseiam em sentimentos compartilhados sobre aprendizagem, confiança e humanidade, inicialmente desenvolvidos por meio do interesse circunstancial de nossas famílias pela pedagogia de Rudolf Steiner, evoluindo para esforços em direção à integração através de uma série de iniciativas temporárias de escolas alternativas, estabelecendo-se afinal em forma de laços de parentesco [making kin] e cooperação em direção à vida. O ponto de virada para compor e compartilhar nossas descobertas surgiu através do chamado de Falk Hubner quanto à noção de “práticas conectivas artísticas” e o impulso para organizar nossa prática como um chamado para um público ativista veio através de nossa determinação em participar de alguma forma da conferência *Deep Commons* de maneira compatível com nossos deveres de cuidado.

****Cuidados multiespécies & fluxo comunitário**

Programa paralelo para crianças, liderado por adultos alternadamente

Programa paralelo para adultos: Oficina online**

8h

Abertura com música

Ativação somática

8h15 UTC (11h15 no horário de Chipre)

Trabalhos manuais, artesanato, tarefas de cuidado: selecionar grãos, descascar batatas, costurar, dobrar roupas, lavar louça

Trituração da alfarroba

Introdução: Como gostaríamos de passar nosso tempo juntos. Definindo intenções e articulando questões

8h45

Círculo de compartilhamento em torno de experiências e rituais de comunidade e colheita

9h05-9h20

Intervalo - Lanche - [Momento com as](#) crianças

9h20

Contação de histórias

9h25

Visita a uma lavoura próxima para conhecer outra variedade de alfarroba

Presenteando / Kit de Ferramentas de Práticas Conectivas

Círculo de encerramento Encerramento com música

Fig. 1. A fim de realizar nossa oficina online para a conferência *Deep Commons*, tivemos que planejar não apenas a oficina em si, mas também um sistema em que alguns de nós entravam e saíam de atividades paralelas com as crianças e os animais domésticos. Essas atividades pegaram carona em nossa colheita de alfarroba da semana anterior. No entanto, tivemos que permitir que algumas das crianças ficassem com os adultos durante a oficina, caso preferissem. Priorizamos assim uma terceira maneira de fazer as coisas e integramos o artesanato e as tarefas domésticas durante a oficina, convidando os participantes online a fazerem o mesmo.

Fig. 2. Nosso almoço coletivo após a oficina e depois acompanhando o restante da conferência enquanto desenhávamos com as crianças. Foto da autora, 2022.

Como estudantes e praticantes da educação através da arte, educação ambiental e científica e do artesanato tradicional, como pesquisadores de memória e ritual e como seres humanos, buscamos maneiras de nos reunir de maneira significativa — junto com nossas famílias — não mais pensando em termos de “projetos”, “oficinas”, “documentação” ou “facilitação”, mas simplesmente olhando para a vida. Nos últimos anos, compartilhamos a urgência de desafiar as forças de divisão, forças essas agravadas pela pandemia e por novas guerras. Neste capítulo, compartilhamos nosso progresso em direção a uma espécie de reparação ou reencantamento que vai além de um argumento para a reforma educacional, além do discurso de moda sobre parentalidade e também de um argumento político questionando as condições do trabalho alienado ou da teoria dos *commons*, mas em direção a uma mudança mais fundamentada e, sem dúvida, situacionista na mentalidade e na prática.

Versões anteriores desse texto abordaram a possibilidade de existirem efeitos sociais duradouros provenientes da arte comunitária, do trabalho oriundo a partir de projetos de arte socialmente engajados ou do terceiro setor (organizações de filantropia, ONGs, empresas sociais, cooperativas, etc.). O trabalho descrito aqui responde à constatação que muitos de nós atualmente compartilhamos, com as ilusões despedaçadas pela pandemia, de que projetos como os acima mencionados, seguindo as últimas tendências acadêmicas, exploram ou esgotam o *momentum* em torno de ideias potencialmente poderosas, removem a espontaneidade e a conexão social e encerram os criadores não apenas em isolamento social, mas também em labirintos institucionais de burocracia, relatórios de “impacto” e planilhas orçamentárias. Como lidamos, então, com esta revelação? A de que esta maneira de trabalhar e o modo de vida que dela depende — ou melhor, reproduz —, são fundamentalmente incompatíveis com nossas necessidades e deveres de cuidado? A primeira coisa a fazer é agir e falar do coração.**

****O contexto em palavras vindas do coração****

Embora o resto deste capítulo seja escrito para representar as descobertas de um grupo, vamos momentaneamente partir de uma voz individual.

Gostaria de falar sobre como a academia partiu meu coração — e quase também o meu espírito. Sobre como escrever propostas de financiamento para projetos de educação e comunidade para centros de arte e universidades me deixou deprimida e irônica. Ou talvez tenha começado a me radicalizar. Gostaria de compartilhar como foi ser uma mãe de primeira viagem sozinha com uma criança pequena por dias e semanas, durante a pandemia. Uma teórica da mídia sem dormir lutando para entender o que realmente estava acontecendo, tendo que depender de dispositivos projetados para forçar distrações digitais, lutando para se manter presente e atender às necessidades de uma criança pequena desesperada por conexão humana. Lutando para projetar uma sensação de segurança e paz ao redor de um novo ser humano, enquanto tentava distraí-lo (mas não aliená-lo) de seu instinto primitivo de estar perto de outros humanos, de se comunicar, de observar e de investigar o mundo. O mundo real, cujo acesso eu não podia dar a ele — e, de fato, ainda não posso. Gostaria de compartilhar a perspectiva de uma gestora comunitária e curadora de arte participativa que de repente olhou para cima e descobriu que, para todos os projetos e o financiamentos bem-sucedidos da União Europeia, para todas as colaborações incríveis e o tempo passado com artistas, feministas e estudiosos de *commons* intelectualmente poderosos e talentosos, na hora H eu estava sozinha com uma criança, por dias e semanas. Com os *lockdowns*, controles de segurança e condições formais de isolamento suspensos, ficou evidente que os *lockdowns* não eram o problema. O problema eram os hábitos paliativos, os compromissos sociais e as percepções que anteriormente eclipsavam a ausência de sistemas reais de apoio, a ausência de uma comunidade real. O problema era o “trabalho” e as ilusões de prioridades que disfarçavam o quão longe o colapso do sistema de família extensa havia chegado e o quão impossível e insustentável nosso investimento social em unidades familiares nucleares realmente é. O problema eram as maneiras diárias de seguir em frente que nos mantinham ocupados demais para perceber a dissolução do bairro como lugar de apoio mútuo e solidariedade, e para reconhecer o quão longe realmente estamos de reavivá-lo. O problema era um sistema que pressionava para comprar serviços em vez de cultivar redes de cuidado e apoio mútuos que segurariam as pontas em uma crise. O problema eram as coisas que nos distraíam de reconhecer a escala absoluta de nosso aprisionamento e dependência — em termos de sanidade e produtividade — a um sistema de cuidados infantis e escolares sem sentido e totalmente corruptível, que normalizava as condições acima e era fortalecido por nosso esquecimento do que são o aprendizado e a comunidade.

Ainda voltaremos a essa questão do aprisionamento para sugerir uma maneira gradual de sair disso. Por agora, e de novo a partir do coração, permito-me canalizar a frustração acima com uma intenção de cura. Uma das bênçãos da pandemia pode ter sido a nossa realização coletiva de uma mudança de direção atrasada, que reuniu grupos como o aqui representado. Composto de pais e pedagogos que em diferentes momentos encontraram maneiras de trabalhar juntos para proporcionar a nossos filhos sem replicar a lógica do trabalho alienante, mesmo que não estivessem totalmente livres disso. Criticamente engajados e trabalhando juntos para mudar nossos meios de subsistência a fim de que não precisemos mais “estacionar nossas crianças para ir trabalhar”.

Embora isso possa soar como uma rejeição ao ensino ou à educação pública, não é. Muitas vezes não temos escolha a não ser confiar e, assim, apoiar esse sistema, paradoxalmente, com todo o nosso coração. Caso contrário, como poderíamos suportar submeter nossos filhos a isso? Não podemos nos dar ao luxo de derrubá-lo. Ao mesmo tempo, o que devemos fazer é apoiarmos uns aos outros para não termos mais que depender dele e encontrar maneiras de parar de recriá-lo, para que ele possa ou começar a se transformar ou se tornar obsoleto. Trata-se de se

envolver com o sistema educacional sem ceder a ele, sem estruturar nossas vidas ao redor dele, mas ao redor de algo melhor, mais nobre e propício à comunidade. Algo que não seja um elemento-chave no ciclo vicioso da dissolução de nossas comunidades.

****[FIGURA 3]**

Fig. 3. Colheita de alfarroba em Korakou, mergulho em um riacho em Flasou e toque do sino da igreja na vila de Pedoulas. Feita pela autora, 2022.**

Os pedagogos envolvidos nas conversas por trás desse texto têm tentado se apoiar e cuidar uns dos outros e dos filhos uns dos outros frente às ameaças anunciadas, seja vírus, sejam preocupações legais em torno de “escolarização alternativa não-formal”, seja o medo da escassez de recursos. São pedagogos que fazem coisas, criam situações, tecem atmosferas e ajudam uns aos outros a encontrar soluções cotidianas. São pedagogos que falam abertamente uns com os outros, que compartilham, que treinaram para trazer limites com gentileza, que se educaram na transformação de conflitos, comunicação não-violenta e nas complexas artes de cura. São pedagogos com uma prática profunda em inteligência afetiva e emocional, capazes de observar e ouvir, que intuitivamente entendem o ritual, que cantam e dançam, que sobem em árvores e caminham em riachos. São pedagogos que andam descalços. São pedagogos sem investimento em redes sociais. Estão desligados da família nuclear e desengajados do sistema de família extensa, prontos para fazer parentesco [making kin] além do sangue e permanecer com o problema. Eles dão as boas-vindas aos desafios da diferença, da alteridade e do conflito. São pedagogos que, acima de tudo, priorizam observar e difundir seu próprio condicionamento traumático. São pais que entendem que “a coisa mais profunda que podemos oferecer a nossos filhos é nossa própria cura.” São pais não apenas para as crianças que deram à luz. São seres humanos que celebram, colhem e buscam estar juntos.

Desejo terminar estas palavras do fundo do coração com uma expressão de gratidão e admiração por poder estar aqui. Que me foi concedido, por este grupo, a força, o tempo e a capacidade intelectual para compor isso. Não mais isolada, não mais desesperada. Na verdade, abundante. Que tenha sido capaz de produzir este texto e me engajar no trabalho comunitário e de cuidado enquanto as necessidades do meu filho e as minhas — de conexão, sociabilidade, desenvolvimento, brincadeira livre (ou escrita livre) — eram satisfeitas. Que meus pensamentos e preocupações foram ouvidos e reconhecidos em círculos com positividade e confiança. Que nos últimos meses fui capaz de fazer este trabalho e outros trabalhos, internos e comunitários, luxuosa e intensivamente em casa, mas também entre e durante viagens noturnas e estadias em acampamentos com pessoas se reunindo em harmonia e ritualisticamente. Rindo, correndo, subindo, nadando e colhendo com gratidão.

****Da teoria à prática: rumo a uma aprendizagem intergeracional integrada na comunidade, baseada nas artes e centrada na natureza****

John Holloway escreve: “A revolução não é sobre destruir o capitalismo, mas sobre recusar-se a criá-lo.” Aqui suplementamos a proposta de Holloway com o seguinte: a revolução não é sobre destruir o capitalismo. É sobre encontrar companheiros que entendam a conexão, a comunicação não-violenta, a transformação de conflitos e os rituais para com eles compartilhar o

trabalho de cuidado e assim recusarmo-nos, gradualmente e de forma segura, a recriar o capitalismo.

A sugestão de Donna Haraway de fazer parentes e ficar com o problema enquanto cria seres que não necessariamente tenha parido oferece uma visão profundamente útil: focar em criar parentes que sejam multiespécies e multigeracionais e que se concentrem no cuidado. E descobrir como recuperar as artes perdidas de compartilhar um trabalho de cuidado informado por profundo conhecimento, ritual, fluxo, conexão e intuição. Obviamente, isso parece quase impossível! Na era do individualismo competitivo, não é de se admirar que famílias, tribos, cooperativas de base, iniciativas escolares alternativas ou experimentais, para não falar de comunidades intencionais, tenham uma alta taxa de equívocos. Muitos idealistas, incluindo esta autora, aprenderam da maneira mais difícil sobre os perigos de investir excessivamente na maioria dos itens acima. No caso de pais de primeira viagem, especialmente, é desaconselhável confiar demais em novas iniciativas experimentais e grupos ou estruturas cuja coerência não foi testada pelo tempo, que podem repentinamente se dissolver ou explodir em conflito. Mesmo nos melhores casos, iniciativas participativas recentes consomem mais tempo e energia para se estabelecer do que conseguem oferecer de volta às pessoas. Não apenas novas estruturas cooperativas não são apoiadas pelo modelo social dominante, mas também são vistas com desconfiança. Elas enfrentam o custo adicional e multifacetado de ter que se provar ou se proteger disso, o que vem à tona quando surgem questões em torno de papelada, permissões e supervisão governamental. Para pais solteiros ou famílias em diferentes tipos de transição (entre países ou cidades, enfrentando uma mudança em seu sistema de apoio, mudando de emprego ou enfrentando divórcio e questões de custódia), as variáveis são simplesmente muitas, o custo, o risco e o estresse são altos demais. Nossa hipótese é de que a maioria dos pais que começam com intenções idealistas em relação à escolarização alternativa ou à não escolarização de seus filhos são forçados a comprometer-se antes de seus filhos completarem quatro anos — o que em muitos lugares coincide com a idade de escolarização obrigatória. Tendo identificado essa armadilha, ou melhor, essa janela de oportunidade, vamos agora analisar como tirar o melhor proveito dela.

**[FIGURA 4]

Fig. 4. Dia de colheita de maçã em Pedoulas, com famílias reunidas em torno de uma aprendizagem comunitária alternativa e integrada. Tirada pela autora, 2022.**

**Sobre o acompanhamento radical, a aprendizagem e o cuidado comum para além da escolaridade

**

Era uma vez, as escolas não tinham cercas e fechavam para a temporada de azeitonas, quando toda a vila trabalhava, comia, cantava e dormia sob as árvores durante a colheita.

**Cada vez mais, como para a maioria das indústrias, nossas organizações educacionais, sejam elas estatais ou privadas, estão funcionando com base em alta rotatividade de funcionários mal pagos e desiludidos, que estão lá para sobreviver até que possam encontrar uma maneira de sair dali. Indy Johar fala de forma lúcida sobre os erros dessa situação em que crianças “em seus primeiros 1000-5000 dias, tão importantes para o seu desenvolvimento, são cuidadas por jovens mais mal pagos do que as pessoas que fritam os hambúrgueres no McDonald's”. De acordo com Johar, estamos enfrentando uma profunda crise da infância, uma crise sobre “ser humano e como

investimos em ser humano”. Sua mensagem é explícita: “a ideia de cuidado infantil é tida atualmente como um encargo. Um custo pago para manter um contrato social. Essencialmente, deveria ser diferente.” Vamos nos ater ao convite de Johar para uma reavaliação fundamental combinada com outro desafio, articulado por Manuella Zechner. Zechner estuda exemplos de redes de mães, grupos de cuidados infantis auto-organizados e políticas municipais em torno da infância em Barcelona, e propõe que pensemos na comunalização dos cuidados infantis como uma prática política. Zechner pergunta: “como seria uma política radical de cuidados infantis?”

Nos parágrafos seguintes, tecemos impressões que revelam elementos do “trabalho a ser feito” em resposta à pergunta de Zechner e ao desafio de Johar para condições de cuidados “fundamentalmente diferentes”, que vemos como indistinguíveis das condições de aprendizagem, que vemos como condições para a vida. Mergulhamos em momentos de frustração e paradoxo quando o que precisamos e sabemos ser bom e necessário parece fora de alcance. Destacamos conflitos entre nossa realidade e o belo mundo no qual nossos corações acreditam e as dolorosas lacunas criadas pela direção política atual, que descarta impiedosamente os melhores princípios e melhores práticas defendidas por nosso conhecimento acumulado em pedagogia, psicologia ou a simples gentileza humana.**

**Como parte de nossa oficina durante a conferência *Deep Commons*, Sylvia Hadjigeorgiou articulou nosso objetivo da seguinte forma: “o que precisamos para uma nova sociedade é redescobrir maneiras de colocar o bem-estar das crianças no centro e projetar atividades adultas em torno disso. Ao fazer isso, instantaneamente eliminamos a maioria dos tipos de violência e opressão.” Começamos a entender o significado da sugestão de Sylvia quando consideramos que a maioria de nós vive em ambientes que segregam crianças, idosos e deficientes para que “os outros” possam ser “produtivos”. Como regra, nossos locais de trabalho, prédios públicos e locais de tomada de decisão e ensino superior, como universidades e museus, são notoriamente livres de crianças e, em grande parte, senão totalmente, hostis às necessidades e energias das crianças. Nas cidades especialmente, não só as crianças são removidas de qualquer semelhança com um *habitat* natural, mas também distanciadas das realidades adultas do trabalho e do funcionamento cotidiano da cidade. Pela primeira vez na história humana, não só as crianças são mantidas “seguras” da natureza, não só seus encontros com ambientes naturais são agressivamente controlados, mas elas são também estruturalmente isoladas da família extensa, da vila, do espaço público, da condição primal de fazer parte de um bem comum físico maior, não regulamentado e não mediado — um bem comum feito de grupos que oscilam entre o conflito e sua transformação em cooperação para cuidar uns dos outros e do nosso ambiente.

Vamos encarar o fato de que para a maioria de nós e para a maioria de nossos filhos, o tipo de rede de apoio extensiva que as gerações anteriores consideravam garantida simplesmente não existe mais. Certamente não uma do tipo que interviria e suplementaria necessidades de cuidado diárias ou as que surgem em tempos de crise (temos hoje ONGs para isso). Vamos também encarar que não temos ideia de como reconstruir o que perdemos. É um fato que os adultos guardiões das unidades familiares aparentemente têm pouca escolha a não ser depender quase completamente da venda de sua força de trabalho (realizada em ambientes sem crianças / intolerantes a crianças) para financiar nossa inevitável dependência de serviços que afirmam atender às necessidades nossas e de nossos filhos em termos de cuidado e aprendizado, ao mesmo tempo em que frustram a necessidade formativa de vivenciarem autenticamente o mundo

em que devem sobreviver.

Mais uma vez, este não é um argumento contra a escolarização ou a educação pública. O que propomos é uma mudança de mentalidade tanto em relação à escolarização quanto à não escolarização. Propomos que as escolas sejam algo pelo qual devamos ser gratos. Mas certamente não porque nos permitam ir trabalhar e ganhar a vida. E também não porque permitam que as crianças passem tempo com outras crianças, aprendam com elas e encontrem pertencimento dentro de um grande e relativamente diverso grupo de pares. O fato de que esse tipo de socialização e aprendizado seja confinado por tais configurações arquitetônicas é a maior parte do problema. Pelo contrário, nossa gratidão pelas escolas se baseia no fato de que, neste momento, elas possam permitir uma transição gradual para adultos que estão presos em ambientes infantofóbicos para gradualmente e com segurança trabalharem para sair deles sem assumir riscos financeiros ou outros, incontroláveis. Nosso trabalho é restabelecer uma comunidade que seja capaz de integrar crianças, idosos e aqueles com outras necessidades, plenamente. Isso envolve processos internos e emocionais em torno do desmantelamento de mentalidades de separação e reparação de laços sociais no espaço real. Um exemplo disso pode ser a mudança da codependência para a interdependência, um argumento também apresentado pela artista e educadora brasileira, Livia Moura. Livia modela formas rituais de reforçar e guiar os processos emocionais necessários para o estabelecimento e manutenção de economias cooperativas cíclicas. Esses processos podem ser interpessoais, comportamentais e políticos, tal como encorajar o estudo da comunicação não violenta ou a pesquisa sobre estruturas de tomada de decisão que possam ajudar em diferentes casos. Eles também podem ser logísticos e práticos, tratando da organização de maneiras de estar e fluir com grupos de pessoas em trabalho significativo, bem como em celebração e debate.**

**Outra de nossas tarefas é a reconceptualização do papel da escola e sua reconfiguração prática à luz disso. Isso é uma tarefa árdua, considerando que o *status quo* tem se tornado cada vez mais draconiano (esperancemos) em sua agonia moribunda. Ainda assim, tem sido difícil enxergar o valor de estruturas que afirmam “ensinar” às crianças o que elas precisam saber sobre o mundo, apesar de contê-las em prédios ecologicamente atóxicos projetados para controle, segurança e saneamento. Condições impostas de maneira centralizada e de cima para baixo por grupos de adultos estressados e frequentemente disfuncionais. Esta configuração geral se aplica tanto ao ensino estatal quanto ao privado, bem como a institutos de atividades “extracurriculares” (que conceito!) como música, esportes e dança. Práticas isoladas de seus contextos sociais autênticos e funções, de suas fontes iniciais de inspiração, reduzidas a meras habilidades e produtos de ensino. Assim, nosso trabalho trata de reconectar essas práticas aos seus modos rituais de transmissão e ao seu significado e função conectiva como parte de processos sociais celebrativos que cultivam e estruturam a coesão social. Isso implica integrar à nossa demanda que o sistema educacional respeite e crie espaço para a prioridade desenvolvimental e social de subir em árvores e correr livremente, de cantar e dançar ao redor de fogueiras e de se conectar com as estações e antigos costumes e práticas em torno de celebração e colheita.

É necessário que nos concentremos em forjar novamente essas conexões usando as mínimas oportunidades para reforçar a comunidade e a conexão humana que as escolas, como centros, nos apresentam. Já nos demos conta de que rejeitá-las completamente neste momento só aprofundaria nossa cisão. No entanto, precisamos que soltem o controle e mudem seu rumo político, deixando de lado as imposições de cima para baixo do currículo (removendo-as por

completo quando possível). Precisamos que elas lembrem e cuidem do corpo e de sua necessidade de ativação, e deem poder e apoio às crianças e às crianças dentro dos adultos que habitam esses prédios, para que possam voar, ou pelo menos subir.**

“Não tire as crianças da sala”: aprendizado e cuidado integrados na comunidade e **cuidado comum das crianças como a reintegração do estar juntos em celebração**

A metodologia Reggio Emilia, cada vez mais popular na primeira fase da educação infantil, reconhece o ambiente como terceiro professor ou terceiro ângulo de um triângulo no qual os professores aprendem com as crianças e as crianças aprendem com os professores. Este bonito princípio aponta não apenas para os materiais educativos e a arquitetura, mas também para os princípios e elementos afetivos do ambiente educacional, sua estrutura organizacional, as práticas tácitas de coordenação e entrosamento entre os cuidadores e assim por diante. Isso pode incitar o argumento de que os principais princípios tacitamente transmitidos pela maioria dos ambientes das crianças é o de que não há escolha a não ser ser contida em ambientes plásticos e estéreis na maior parte do dia, onde somos instruídos sobre o que e como aprender. Ambientes onde nossa curiosidade natural pelo mundo, pelo universo e nosso instinto por um ritmo sazonal de atividades conectivas alternadas com tempos de brincadeiras livres não estruturadas (consideradas por pedagogos como o principal vetor de aprendizado autodirigido) são praticamente excluídos, onde a exploração e o movimento físico são controlados e limitados, onde áreas de conhecimento pré-definidas, estruturadas em disciplinas e objetivos de aprendizado de cima para baixo nos são impostas em sessões de 45 minutos, todas ocorrendo em desconexão, ignorância ou, no melhor dos casos, vaga consciência periférica das necessidades do território ao redor, sua comunidade e os pais, cuja participação é limitada a vendas de bolos e arrecadação de fundos para equipamentos esportivos.

Há um argumento corajosamente promovido pela esquerda, em nossa parte do mundo, de que o Estado deve expandir a oferta de educação básica para o dia inteiro. Considerando que os dias de trabalho dos cuidadores estão ficando cada vez mais longos, o argumento para estender o dia escolar visa a combater a privatização na educação pública, na esperança de aliviar os custos e o inconveniente para os pais de ter que organizar atividades à tarde e ajudar seus filhos com a tarefa de casa. Evidentemente, se falamos de um cuidado infantil comunitário, não pode ser isso o que Zechner tinha em mente. Parece que o caminho que nossos formuladores de políticas trilham atualmente é provavelmente cavar um buraco mais fundo. Não gastemos recursos para manter as crianças nesses ambientes por mais tempo. A menos que comecemos a reinventar a escolarização de uma maneira compatível com a infância, ou pelo menos compatível com a natureza do aprendizado. Estender o dia escolar seria normalizar um roubo quase total da infância, junto com a quase completa segregação das crianças do resto do mundo. Não seria melhor um investimento simplificar o currículo, atender ao conselho dos pedagogos e psicólogos e eliminar a tarefa de casa, derrubar as cercas escolares, trazer a maioria do aprendizado para jardins e espaços ao ar livre, plantar árvores para dar sombra e escalada em vez de cortá-las ou proibir o acesso a elas por medo de responsabilidade em caso de lesões, e, em vez de jogar fundos na indústria de segurança com portões altos e câmeras, integrar a comunidade e trabalhar para cidades e locais de trabalho amigáveis às crianças? Incidentes de tiroteios em escolas e vandalismo escolar deixam claro: precisamos nos afastar dessas arquiteturas desumanas e certamente não melhor equipá-las ou redesenhá-las.**

É um fato que a legislação torna quase impossível que iniciativas locais de educação cooperativa decolam. Uma das coisas que precisamos abandonar, no nível de política, são os “padrões” para edifícios escolares que tornam extremamente difícil para iniciativas de aprendizado e cuidado alternativos e cooperativos receberem licença estatal sem quantias excepcionais de capital inicial. Uma maneira de contornar alguns desses problemas que está surgindo simultaneamente em diferentes lugares (Espanha e Grécia, que sabemos até agora) toma a forma de concessão, pelo estado, de edifícios escolares desativados em aldeias quase abandonadas para cooperativas de pais ou iniciativas de educação alternativa dispostas a se mudar para lá e povoá-las, com o apoio de educadores que são tanto convencional quanto alternativamente certificados e podem financeiramente arcar com o risco. O que é novo e esperançoso nesses casos é o aparecimento de uma abertura para fazer as coisas de forma diferente, enquanto se utiliza da infraestrutura existente, sem ser percebido como uma ameaça ao sistema como um todo. Considerando que as bênçãos do Estado em termos de certificações oficiais custosas para prédios escolares e requisitos de certificação de pessoal resolvem dois dos maiores problemas que impedem iniciativas de educação alternativa de decolar, essas iniciativas recebem um impulso significativo. Elas são especialmente valiosas a fim de revelar os ingredientes que ainda faltam quando infraestrutura, cenários naturais e licenças são resolvidos. Podemos argumentar que esses ingredientes são integração comunitária como uma mudança de mentalidade, uma compreensão da economia cooperativa conectada com a prática de liberdade pessoal e celebração, um consenso sobre princípios pedagógicos de respeito fundamental pela vida e pelos caminhos de aprendizado dos outros, ou o que Eve Annecke chamou inspiradoramente de “Re-imaginar a Educação como Acompanhamento Radical na Criação de Diferentes Formas de Conhecimento e Ser”, no espírito de ouvir e apoiar mutuamente em vez de impor currículos de cima para baixo. Cruciais são também os ingredientes dos métodos de comunicação não violenta, facilitação e transformação de conflitos, junto à experiência e à vontade de juntar tudo isso e então “ficar com o problema”.

Rumo a se re-selvagizar [rewilding]: indo a Famagusta com Silvia Federici, Luiz Guilherme Vergara e Richard M. Stallman

Em 2019, alcancei o auge da minha carreira acadêmica e, ao mesmo tempo, atingi o fundo do poço, quando uma Unconference despedaçou minhas ilusões de encontrar ou co-criar conexão comunitária em ou através de ambientes acadêmicos. Este foi um evento que concebi, desenhei e presidi e que conectou meu trabalho acadêmico oficial com meu trabalho de amor de longo prazo: minha pesquisa, facilitação e conexões como parte do movimento de justiça da informação e de *hackerspaces* (aprendizado *peer-to-peer* orientado à liberdade e tecnologia) de tecnologia livre. O conceito e as bases eram pertinentes o suficiente para reunir uma forte equipe local para organizar isso e, por sua vez, atrair um grupo lendário de participantes de todos os cantos do mundo em torno do tema “Tecnologias Livres, Artes e *Commons*.” Meu filho tinha um ano de idade na época e eu estava trabalhando nisso tudo enquanto experimentava uma grave falta de apoio comunitário que, nos anos seguintes, só aprofundaria. Parecia que eu estava sendo punida e não sabia se isso era por ter um filho, por não ter interrompido a gravidez quando percebi que o teria sozinho, ou por ter um filho sozinho e ainda assim não desistir de minha visão de criar um espaço para uma reunião significativamente conectiva em torno de questões importantes. Levaria anos para colocar palavras para essa condição e para o paradoxo de que

minha necessidade de comunicar e cooperar em torno dessas questões, enquanto também cuidava de uma criança pequena, estava me empurrando para fora do meu próprio trabalho supostamente radicalmente inclusivo. Durante o evento, concentrei-me em estar presente e autêntica em minha facilitação (tradução grega. εμπύχωση, investindo com alma). O auge do evento, o verdadeiro lance, foi o segundo dia, onde os participantes foram convidados a se auto-organizar e co-criar a agenda, com base nas prioridades emergentes das apresentações do dia anterior. Estes incluíam uma palestra de Silvia Federici. Apesar de ser organizadora e iniciadora, e participar com uma criança pequena a reboque, nunca conheci Silvia. Junto com um membro do comitê científico, ela escolheu pular a co-criação e a parte integrativa comunitária do evento e foi em uma viagem de um dia para a cidade fantasma de Famagusta. Por meses, eu vinha argumentando, ignorada por meus co-organizadores, que a Unconference poderia e deveria fluir para fora da universidade e ir para algum lugar bonito. Quando descobri que Silvia havia feito exatamente isso, já era tarde demais para segui-la. Meu coração se partiu. Passei o restante do evento, e boa parte dos anos seguintes, tentando entender o que realmente manteve a mim, meu filho e um grupo internacional tão incrível de pesquisadores e ativistas radicais de arte e tecnologia dos *Commons* em um espaço acadêmico sem janelas e com ar-condicionado, em vez de estarmos em uma praia, ao lado da cidade fantasma de Famagusta, com Silvia Federici. O que nos impediu de viver de acordo com nossos ideais? De fluir? De trazer teoria para a prática de modo reflexivo? De ouvir o chamado dos nossos corpos para sair e ir a algum lugar bonito? Quatro anos depois, este texto faz parte do meu esforço para não deixar escapar de nossas mãos essas oportunidades (constantes, ao nosso redor) de aprendizado livre e conectado, de viver. Esta questão é tocada, de forma inquietante, em uma das palestras da mesma Unconference, do teórico da educação artística brasileira Luiz Guilherme Vergara, que falou sobre a noção de globalização de base de Arjun Appadurai, a pedagogia crítica de Paulo Freire e a “necessidade vital de arte” de Mario Pedrosa, reconfigurando a ludicidade e a criação de lugares (*placefullness*) para sugerir um processo de significação e conhecimento centrado no corpo que “desloca narrativas e valores alienantes”. Vergara argumentou a favor de uma prioridade pedagógica de criar “para-laboratórios”. Para permitir um “direito ilimitado à investigação e, acima de tudo, à experimentação, à invenção” com pensamento florestal. E para práticas de micro-resistência de “re-selvagizar o humano,” em oposição à escolarização como domesticação opressiva. Vergara isolou uma definição de inovação como o “desmantelamento da [opressiva imobilidade da] espessura do presente”, uma noção especialmente poderosa em conexão com a “virada da atenção plena” no discurso educacional e parental, e em instruções relacionadas à criatividade, ou seja, permitindo imersão/abundância, não-distração, jogo de risco e abordagens baseadas no processo em vez de no resultado.

Durante sua palestra na mesma Unconference, Silvia Federici fez a seguinte pergunta: "como podemos construir novas formas de comunalismo, novas formas de **construir o bem comum [commoning]**, se [as próprias tecnologias que estamos usando] são a fonte da destruição de muitas comunidades?" Ela se referia à exploração capitalista, à cultura do consumo, às terríveis condições de trabalho e ao enorme esgotamento de recursos planetários envolvido na produção e uso de dispositivos tecnológicos dominantes. Claro, a questão da tecnologia desempenhando um papel fundamental na crescente alienação e desapropriação de nossas comunidades vai além do *hardware*. Richard M. Stallman, outro incrível palestrante da Unconference, dedicou sua vida não apenas a espalhar a palavra sobre os perigos do *software* explorador ou que não respeita a liberdade, mas também a fornecer um exemplo vivo de como

alguém pode viver utilizando um *software* que respeita a liberdade: como isso se dá e quais as vantagens e limitações.

Na ausência disso, no entanto, uma boa visão geral do problema surge no trabalho de Andra Siibak e Giovanna Mascheroni, sobre o efeito das novas tecnologias na educação e na infância. Elas destacam os perigos em torno da crescente dataficação [datafication] dos seres humanos e das crianças em particular, da escolarização e do excesso de dispositivos utilizados na parentalidade. Elas argumentam sobre o perigo das abordagens tecnossolucionistas para os problemas ecológicos e sociais que enfrentamos, bem como da gestão biopolítica das pessoas através do uso de tecnologias biométricas cada vez mais e sem questionamento aplicadas em instituições educacionais em todo o mundo. Siibak e Mascheroni concluem ainda que o estado atual de tecnologias exploradoras implantadas de forma ubíqua nas escolas “envolve mais do que uma ameaça à privacidade dos jovens: o que está em jogo é o futuro da agência humana — e, em última análise, da sociedade e da cultura.” Em paralelo, o trabalho de Federici sobre educação e comunidades de cuidado oferece um bonito contraponto às imagens distópicas de exploração e destruição e abre direções tangíveis e otimistas no sentido de apoiar princípios de aprendizado coletivo, ao invés de individualista, fortalecimento comunitário e o cuidado de uns com os outros e com nossos ambientes.

Gostaria de compartilhar muito mais aqui. Sobre as maneiras de criar oportunidades e engajamento no desenvolvimento de hábitos de copresença, pertencimento e conexão atenciosa. Sobre a necessidade de evocar tradições primordiais através de noções ampliadas de celebração e colheita, noções usadas ao longo deste texto como metáforas para a coleta e agrupamento de ingredientes além do material. Gostaria de rearticular a prioridade educacional de lembrarmos dos rituais que cercam a colheita, suas danças, sua ciência vivida, suas práticas de narração de histórias e seus meios de gerar coesão social. Gostaria de evocar fantasias sobre o que poderia ter sido revelado naquele dia, ao tirar o grupo da Unconference da universidade: que possíveis soluções e estratégias poderiam ter emergido: conectando as esferas de comunidade, pedagogia, tecnologia e responsabilidade em direção ao futuro da vida, se o trabalho, a visão de mundo e a política vivida de Richard M. Stallman tivessem coincido, na praia, com os de Silvia Federici e Luiz Guilherme Vergara, perto da cidade fantasma de Famagusta. Gostaria de fazer um convite para criarmos espaços de compartilhamento de histórias dolorosas e engraçadas de equívocos em encontrar ritmo e acessar o fluxo, bem como histórias de recuperação e de seguir as crianças, e as crianças dentro de nós. E, finalmente, gostaria de compartilhar como uma de nossas descobertas mais preciosas para a construção comunitária é que “o maior presente que podemos dar a um cuidador é a oportunidade de recuperar o sono,” e a percepção de que a grande maioria das situações difíceis pode ser resolvida com uma canção.

Bibliografia

Annecke, Eve. “Re-Imagining Education as Radical Accompanying in Creating Different Ways of Knowing and Being.” Presented at the Re-Imagining Education Conference, EcoVersities Alliance, April 3, 2021. <https://re-imagining.education/schedule-2021/>.

Armstrong, J. Scott. “Natural Learning in Higher Education.” *SSRN*. Rochester, NY, April 16, 2010. <https://doi.org/10.2139/ssrn.1928831>.

Caffentzis, George, and Silvia Federici. "Notes on the Edu–Factory and Cognitive Capitalism." *Transversal Texts*, 2007. <https://transversal.at/transversal/0809/caffentzisierung/en>.

de Angelis, Massimo, ed. "Editorial: Care Work" And The Commons." *The Commoner*. Winter, no. 15 (2012). https://files.libcom.org/files/commoner_issue-15.pdf

Deep Commons 22. Workshop: Connective Practices in Community Integrated Arts, Nature and Tradition-Based Learning and Care across the Division of Cyprus, 2022. Part of the Deep Commons Conference [online], 28 October 2022 hosted by the Department of Government and Politics, University College Cork, Ireland, in association with La Terre Institute for Community and Ecology, Mississippi, USA <https://vimeo.com/772039569>.

Douglas, Mary. *Purity and Danger: An Analysis of Concepts of Pollution and Taboo*. London ; New York: Routledge, 1966.

Eimaste Parents Cooperative, "Ethos: Some Guidelines towards a Community of Care – Eimaste:," May 23, 2022, <https://parentscollective.eimaste.net/ethos-some-guidelines-towards-a-community-of-care/>.

Eisenstein, Charles. *The More Beautiful World Our Hearts Know Is Possible*. Berkeley, California: North Atlantic Books, 2013.

Federici, Silvia. Silvia Federici: "Our struggle will not succeed unless we rebuild society," Interview by Alana Moraes and Maria A.C. Brant. *Sur: International journal on human rights*. December 4, 2016. <https://sur.conectas.org/en/silvia-federici/>.

Galindo, Maria. Maria Galindo: "The homogeneity in feminism bores us; unusual alliances need to be formed." Interview by Alana Moraes, Mariana Patrício, and Tatiana Roque, *Sur: International journal on human rights*. December 4, 2016. <https://sur.conectas.org/en/the-homogeneity-in-feminism-bores-us-unusual-alliances-need-to-be-formed/>.

Hadjigeorgiou, Sylvia. (manuscript, forthcoming) "*The loneliness of the Trillion*" [*Η μοναξιά του τρισεκατομμυρίου*].

Haraway, Donna J. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Duke University Press, 2016.

Heying, Heather and Bret Weinstein. *A Hunter-Gatherer's Guide to the 21st Century: Evolution and the Challenges of Modern Life*. London: Swift Press, 2021

Holloway, John. *Crack Capitalism*. London: Pluto Press, 2010.

Hübner, Falk. "Connective Symposium 17-19 November 2022 – Call for Contributions." Falk Hübner (blog), June 7, 2022. <https://hubnerfalk.com/2022/06/07/connective-symposium-17-19-november-2022-call-for-contri>

butions/.

Johar, Indy. “A Systemic Crisis of Childhood,” 2018. <https://vimeo.com/281490608>.

Robson, Kelsey. “Review of the Literature on the Reggio Emilia Approach to Education with a Focus on the Principle of the Environment as the Third Teacher.” *The International Journal of Holistic Early Learning and Development* 4 (September 19, 2017): 35–44.

Loizidou, Chrystalleni, and Evanthia Tselika. “Unconference: Free / Libre Technologies Arts & the Commons.” University of Nicosia Research Foundation, 2019. https://fineartuniccy.files.wordpress.com/2020/04/unconference_abstract-booklet-final-corrected.pdf.

Loizidou, Chrystalleni, and Livia Moura. “‘Keep the Children in the Room:’ On the Biopolitics of Single Mothering in the Time of Covid.” *Revista MESA N°6 Vidas Escondidas*. 2020
<http://institutomesa.org/revistamesa/edicoes/6/nao-tire-as-criancas-da-sala-biopolitica-de-maes-solteiras-em-tempo-de-covid-19-2/?lang=en>.

Mascheroni, Giovanna, and Andra Siibak. *Datafied Childhoods: Data Practices and Imaginaries in Children’s Lives*. Peter Lang Publishing Incorporated New York, 2021.

Rosenberg, Marshall B., and Deepak Chopra. *Nonviolent Communication: A Language of Life: Life-Changing Tools for Healthy Relationships*. PuddleDancer Press, 2015.

Siibak, Andra, and Giovanna Mascheroni. *Children’s Data and Privacy in the Digital Age*. CO:RE Short Report Series on Key Topics. Hamburg: Leibniz-Institut für Medienforschung | Hans-Bredow-Institut (HBI), 2021. <https://doi.org/10.21241/ssoar.76251>.

Srnicek, Nick. *Platform Capitalism*. 1st edition. Cambridge, UK ; Malden, MA: Polity, 2016.

Vergara, Luiz Guilherme. “Grassroots Utopias.” In *Free/Libre Technologies, Arts and the Commons*, edited by Evanthia Tselika and Niki Sioki, 36–44, 2020.

“Unconference.” In *Wikipedia*, June 9, 2023. <https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Unconference&oldid=1159242910>.

Zechner, Manuela. “Childcare Commons: Of Feminist Subversions of Community and Commune in Barcelona.” *Ephemera: Theory and Politics in Organisation* 22, no. 2, 19-49 (2022).

NOTAS FINAIS

1. **de Angelis, Massimo, ed. “Editorial: Care Work” And The Commons.” *The Commoner*. Winter, no. 15 (2012). https://files.libcom.org/files/commoner_issue-15.pdf**
2. **Ver Livia Moura, em Chrystalleni Loizidou e Livia Moura, ““Não tire as crianças da sala!”: biopolítica de mães solteiras em tempo de covid-19,” *Revista MESA N°6 Vidas Escondidas* (2020).**
3. **Johar, Indy. “A Systemic Crisis of Childhood,” 2018. <https://vimeo.com/281490608>.**
4. **Douglas, Mary. *Purity and Danger: An Analysis of Concepts of Pollution and Taboo*. London ; New York: Routledge, 1966.**
5. **Ver Loizidou e Moura, “Não tire as crianças da sala!”**
6. **Manuela Zechner, “Comuns de Cuidados Infantis: Sobre Subversões Feministas da Comunidade e Comuna em Barcelona,” *Ephemera: Theory and Politics in Organisation* 22, n. 2 (2022).**
7. **Silvia Federici, “Nossa Luta Não Terá Sucesso a Menos que Reconstruamos a Sociedade,” 2016.**
8. **Pensei ter captado a noção de complexo industrial edu-guerra-saúde no trabalho de Federici e Caffentzis sobre transversalidade, mas não consigo mais encontrar essa conexão. Para a conexão com a indústria de tecnologia e mídia, veja Nick Srnicek, *Platform Capitalism*, (Cambridge, Reino Unido; Malden, MA: Polity, 2016)..**
9. **Agradecemos a Roey Koren, Shira Leshem e Erika Wieser, por terem realizado uma série de oficinas e grupos de leitura em torno da pedagogia de Steiner, que inicialmente reuniram alguns de nós, e pelo seu apoio contínuo.**
10. **Hübner, Falk. “Connective Symposium 17-19 November 2022 – Call for Contributions.” Falk Hübner (blog), June 7, 2022. <https://hubnerfalk.com/2022/06/07/connective-symposium-17-19-november-2022-call-for-contributions/>.**
11. ** Alana Moraes and Maria A.C. Brant, Silvia Federici: “Our struggle will not succeed unless we rebuild society,” *Sur: International journal on human rights*. December 4, 2016.**
12. **Haraway, Donna J. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Duke University Press, 2016.**
13. **Citação viral nas redes sociais creditada a Anne Lamott. Unschoolers Collective, ““The Most Profound Thing We Can Offer Our Children Is Our Own Healing.” – Anne Lamott,” February 9, 2021,

https://www.facebook.com/unschoolerscollective/photos/a.1464972093715106/2807578996121069/?type**

14. **Holloway, John. *Crack Capitalism*. London: Pluto Press, 2010, p. 254.**
15. **Haraway, Donna J. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Duke University Press, 2016**.
16. **Johar, Indy. “A Systemic Crisis of Childhood,” 2018.
<https://vimeo.com/281490608>.**
17. **Zechner, Manuela. “Childcare Commons: Of Feminist Subversions of Community and Commune in Barcelona.” *Ephemera: Theory and Politics in Organisation* 22, no. 2, 19-49 (2022). p. 19.**
18. **Eisenstein, Charles. *The More Beautiful World Our Hearts Know Is Possible*. Berkeley, California: North Atlantic Books, 2013.**
19. ***Deep Commons 22. Workshop: Connective Practices in Community Integrated Arts, Nature and Tradition-Based Learning and Care across the Division of Cyprus*, 2022. Parte da Conferência Deep Commons [online], realizada em 28 de outubro de 2022 pelo Department of Government and Politics, University College Cork, Ireland, em associação com La Terre Institute for Community and Ecology, Mississippi, USA <https://vimeo.com/772039569>.**
20. **Loizidou e Moura, “Não tire as crianças da sala!**
21. **Rosenberg, Marshall B., and Deepak Chopra. *Nonviolent Communication: A Language of Life: Life-Changing Tools for Healthy Relationships*. PuddleDancer Press, 2015.**
22. Heying Heather and Bret Weinstein. *A Hunter-Gatherer's Guide to the 21st Century* (London: Swift, 2021), 220.
23. **Robson, Kelsey. “Review of the Literature on the Reggio Emilia Approach to Education with a Focus on the Principle of the Environment as the Third Teacher.” *The International Journal of Holistic Early Learning and Development* 4 (September 19, 2017): 35–44.**
24. **E.g. “Ataxia School.” Acesso em 11 de julho de 2023.
<https://ataxiaschool.com/index.html#>.**
25. **Annecke, Eve. “Re-Imagining Education as Radical Accompanying in Creating Different Ways of Knowing and Being.” Presented at the Re-Imagining Education Conference, EcoVersities Alliance, April 3, 2021. <https://re-imagining.education/schedule-2021/>.**
26. **Haraway, Donna J. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Duke University Press, 2016**

27. **Parte de uma série de eventos locais que desenvolvi e conectei sob o guarda-chuva de um projeto internacional Interreg-Balkanmed da UE, disponível como phygitalproject.eu.**

28. **Vergara, Luiz Guilherme. “Grassroots Utopias.” In *Free/Libre Technologies, Arts and the Commons*, editado por Evanthia Tselika e Niki Sioki, 36–44, 2020.

29. **Eimaste Parents Cooperative, “Ethos: Some Guidelines towards a Community of Care – Eimaste:,” 23 de Maio, 2022,
<https://parentscollective.eimaste.net/ethos-some-guidelines-towards-a-community-of-care/>.**